

SAUSSURE E LACAN EM RELAÇÃO À CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E DE SUJEITO NA PROPOSTA DE CLÁUDIA DE LEMOS

Daniele dos Santos Lima (UNICAP)
danlima02@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A linguagem é um objeto de estudo que se infiltra em vários campos do saber, podendo ser considerada como um tema intrínseco às Ciências Humanas, principalmente no que concerne à Psicologia, pois a etimologia desse termo remete ao estudo da psique. Apenas algumas correntes de áreas da Psicologia como, por exemplo, a Psicolinguística, a Psicologia do desenvolvimento cognitivo, a Psicologia Social trabalham implicando a linguagem, articulando-se, por essa razão, com outros campos, sobretudo, com a Linguística. É importante ressaltar que a Psicolinguística consiste numa importação da Linguística pela Psicologia.

As descobertas freudianas sobre o inconsciente inauguram uma nova concepção de língua e linguagem, que já começa delineada desde sua obra sobre afasia e será retomada e desenvolvida em obras posteriores, como a Interpretação dos Sonhos, Psicopatologia da Vida Cotidiana e Os Chistes e suas relações com o Inconsciente. A partir da impossibilidade de completude da língua, destacada pela concepção freudiana, Lacan elabora o conceito de língua, sujeito da linguagem. Já os interacionistas, com Cláudia de Lemos, sustentam que algo escapa à Linguística, mas não a linguagem: há relação significante entre as falas.

Esta pesquisa irá analisar como encontramos Saussure e Lacan em relação à concepção de língua e de sujeito na proposta de Cláudia de Lemos. Para verificar isso será realizada a trajetória da Teoria saussuriana para que dessa forma possamos compreender Lacan e conseqüente entendermos como os dois (Saussure e Lacan) estão presentes na proposta de Cláudia de Lemos.

Cláudia de Lemos inspirada em leituras de Saussure e do psicanalista Lacan, estuda as relações do sujeito com a língua e questiona as noções de desenvolvimento e conhecimento linguístico que têm sido à base das teorias psicolinguísticas, psicológicas e linguísticas. Posiciona-se contra a noção de conhecimento própria do sujeito psicológico, que está presente nas noções de desenvolvimento e de sujeito onisciente, e contra a noção de representação mental que é fonte de alvo da aquisição do conhecimento linguístico.

No Interacionismo a fala da criança interroga o saber do investigador. A metodologia usada para este trabalho foi baseada em leituras de livros e artigos relacionados à língua, ao sujeito e ao Interacionismo.

2 DESENVOLVIMENTO

Saussure é conhecido por suas dicotomias: significante/significado; langue/parole; sincronia/diacronia; relações sintagmáticas/paradigmáticas. Podemos considerar que Saussure explicita relações que facilmente seriam aprovadas aos olhos dos dialéticos. Para a dicotomia significante/significado, há o signo; para relações sintagmática/relações associativas, há o sistema; para diacronia/sincronia, há a pancronia; para língua/fala, há a linguagem.

Tudo orquestrado por um grande terceiro, o valor: conceito que sustenta a arquitetura teórica de Saussure. A teoria saussuriana opta por um objeto – a língua como sistema de signos, que não é uma parte do dado, mas que representa um aspecto privilegiado dos fenômenos. A proposta de Saussure de ver na língua o objeto da Linguística decorre da constatação de que a linguagem é um aglomerado confuso de coisas heteróclitas que, além de poder ser analisado linguisticamente de diferentes ângulos, está a cavaleiro de diferentes domínios, tais como a Psicologia, a Antropologia, a Gramática Normativa, a Filologia.

Saussure tem a Língua como objeto de seu estudo. Para Saussure (2006, p. 16) a linguagem é definida da seguinte maneira: “tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro”. Ainda com as palavras de Saussure (2006, p. 17) sobre a língua: “Ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela [...] ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias”. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. A esse princípio de classificação o CLG informa que encontra-se o exercício da linguagem que repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele. “É a língua que faz a unidade da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 18).

Saussure cria a linguística estrutural, a partir da teoria do signo. O estudo da linguagem comporta, duas partes: uma essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica.

Para Saussure (2006, p. 80) “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Ou seja, unidades linguísticas da língua constituídas por essas divisões pensamento-som. O signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura abaixo:

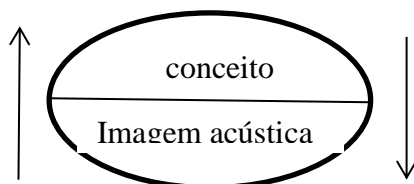


Fig. 1: Saussure (2006, p. 80)

Esse dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou seja, o signo linguístico é arbitrário. Dessa maneira, a ideia de “mar” não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons m-a-r. O significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao seu significado, com o qual não tem nenhum laço natural com a realidade.

Por outro lado, referente ao sujeito Elia (2010, p. 10) diz que: “é um conceito: é isso que faz com que essa categoria integre o *corpus* teórico da psicanálise [...] é um conceito lacaniano [...] foi Lacan quem o introduziu na psicanálise”. O inconsciente é estruturado como uma linguagem, ou seja, a palavra é a via de acesso ao inconsciente. Só a fala permite que o sujeito, que emergirá em tropeços das intenções conscientes daquele que fala, possa, além de emergir nesses tropeços, ser reconhecido com tal pelo falante, que a partir desse reconhecimento, não será mais o mesmo.

Já Chemama (2002, p. 208) define o sujeito da seguinte maneira: “Ser humano submetido às leis da linguagem que o constituem, e que se manifesta de forma privilegiada nas formações do inconsciente”. Nasio (1993, p. 50) menciona o seguinte: “o inconsciente revela-se num ato que surpreende e ultrapassa a intenção do analisando que fala. O sujeito diz mais do que pretende e, ao dizer, revela sua verdade”. A fala se constitui como acesso ao inconsciente este é assim estruturado como uma linguagem, ou seja, por elementos materiais simbólicos, os significantes engendrados do sentido, que não portam em si o sentido constituído, mas que se definem como constituintes do sentido, significantes: aqueles que fazem significar.

Para Elia (2010) o sujeito não ‘nasce’ e não se ‘desenvolve’, para explicarmos o modo como o sujeito se constitui é necessário considerar o campo do qual ele é o efeito, a saber, o campo da linguagem. A partir da reelaboração que Lacan empreendeu dos textos

freudianos, o sujeito só pode ser concebido a partir do campo da linguagem. A psicanálise é um saber materialista e ao mesmo tempo simbólico. O campo de referência que oferece essas duas condições metodológicas é o da linguagem, sobretudo a partir de sua tomada como recorte de uma ciência moderna, a linguística por Ferdinand Saussure. Por isso Lacan recorre à categoria de significante (imagem material acústica, para Saussure, à qual se associa um conceito 'ideia', como significado, na constituição do signo linguístico).

Mas Lacan subverte essa associação significante/significado, conferindo primazia ao primeiro (o significante) na produção do segundo: o significante prevalece sobre o significado, que lhe é secundário e se produz somente a partir da articulação entre significantes. Fazendo isto com o signo de Saussure, Lacan encontra o suporte metodológico necessário para a teoria do inconsciente. Ou seja, dos dois elementos constitutivos do signo de Saussure, só o significante é material (imagem sonora, unidade material da fala humana) e simbólico (sua articulação em cadeia produz uma ordem capaz de engendrar o significado, que não se encontra constituído desde do começo, antes da articulação significante).

A releitura que Lacan faz de Freud inscreve-se na filiação saussuriana, ao fazer prevalecer a dimensão sincrônica. Referente ao 'retorno a Freud' que Lacan fez Ogilvie (1988, p. 30) fala o seguinte: "significa, [...] que se tratava para ele de reencontrar o radicalismo do percurso freudiano, seu afastamento definitivo de todo psicologismo, de todo antropomorfismo na análise do inconsciente".

Para Dosse (1993, p. 130) "Ao contrário de Saussure, cujo objeto privilegiado é a língua [langue], Lacan privilegia a fala [parole], deslocamento que se tornou necessário pela prática da cura". Vale salientar que essa fala nem por isso representa a expressão de um sujeito consciente e senhor de seu dizer, muito pelo contrário, essa fala está cortada para sempre de todo acesso ao real, ela só veicula significantes que remetem entre si. O homem só existe por sua função simbólica e é por ela que deve ser apreendido.

Podemos verificar ainda o que Dosse (1993) menciona em seu Livro História do Estruturalismo sobre Lacan, para o autor Lacan situa-se dentro do saussurianismo, cuja conceitualização retoma, ainda que adaptada aos seus propósitos. É toda a estrutura da linguagem psicanalítica descobre no inconsciente. Segundo Dosse (1993) "apossa-se do algo algoritmo de Saussure, embora submeta o algoritmo saussuriano a um certo número de modificações muito significativas da perspectiva lacaniana". Modifica-lhe a simbolização ao atribuir uma maiúscula. No mesmo espírito, a prevalência do significante o faz passar para o lado de cima da barra, contrariamente à sua posição em Saussure: $\frac{S}{s}$.

O que interessa, em parte a Lacan é o modo como Saussure e em especial, Benveniste e Jakobson (com quem discutirá em muitos de seus seminários) formalizam o objeto da linguística: a língua como sistema de signos constituídos por significados e significantes. Dessa maneira, Lacan faz desaparecer as setas que indicavam no CLG, a relação recíproca das duas faces do signo, seu caráter indissociável, como frente verso de uma folha de papel. Lacan interpreta a barra saussuriana não como o estabelecimento de relação entre o plano do significante e o significado, mas como uma barreira a significação. Para Arrivé (2001) o primeiro ponto de divergência, entre o ensino de Saussure e o ensino de Lacan é que:

Em Saussure há, fundamentalmente, uma teoria do signo; a teoria do significante integra-se nessa teoria do signo: sem signo, não há significante (nem significado). Em Lacan, as coisas são bem diferentes. Até há, marginalmente, uma teoria do signo. Mas ela não se articula com a teoria do significante: significante (e significado) de um lado, signo de outro estão disjuntos. (ARRIVÉ, 2001, p. 98)

Referente ao significante Chemama (2002, p. 197) menciona o seguinte: “Elemento do discurso, referível tanto ao nível consciente como inconsciente, que representa e determina o sujeito”.

O sujeito só pode se constituir em um ser que, pertencente à espécie humana, tem vicissitude obrigatória e não eventual de entrar em uma ordem social a partir da família ou de seus substitutos sociais jurídicos (instituições sociais destinadas ao acolhimento de crianças sem família, orfanatos, etc.). Segundo Elia (2010, p. 39-40) “Sem isso ele não só se tornará humano (a espécie humana, [...] argumento que dá sentido a palavra humanização) como tampouco se manterá vivo: sem a ordem familiar e social, o ser da espécie humana morrerá”.

Já Lacan propõe a categoria de Outro (com ‘o’ maiúsculo) para designar não apenas o adulto próximo de que fala Freud, mas também a ordem que este adulto encarna para o recém-aparecido na cena de um mundo já humano, social e cultural que para simplificar o autor Elia (2010, p. 40) diz que: “chamaremos de bebê”.

O Outro não é apenas uma pessoa física, um adulto, por exemplo, que pelas mesmas razões mencionadas antes à nomeação do bebê, chamaremos de mãe, pois segundo Elia (2010, p. 40) “porquanto em nossas sociedades seja esta a categoria que designa a função de cuidar dos bebês e também toda uma ordem simbólica que a mãe introduz no seu ato de cuidar do bebê”.

O que a mãe transmite é uma estrutura significativa e inconsciente para ela própria. Ainda com as palavras de Elia (2010, p. 40) “ela não sabe o que transmite, para além do que ela pretende deliberadamente transmitir”.

Não obstante, as descobertas realizadas no campo da Psicanálise têm dado suporte às pesquisas realizadas no campo da Linguística e no campo de aquisição da linguagem oral, com a perspectiva inaugurada por Cláudia de Lemos, que há tantos anos vem se debruçando sobre a fala de crianças, acompanhadas uma por uma por um longo período de tempo. Ao estudar, criança por criança ela tem se defrontado com um processo que se repete sob forma de mudanças na relação da criança com a língua e com a singularidade do sujeito-falante que emerge deste processo.

Cláudia de Lemos inspirada em leituras de Saussure e do psicanalista Lacan, estuda as relações do sujeito com a língua e questiona as noções de desenvolvimento e conhecimento linguístico que têm sido a base das teorias psicolinguísticas, psicológicas e linguísticas. Posiciona-se contra a noção de conhecimento própria do sujeito psicológico, que está presente nas noções de desenvolvimento e de sujeito onisciente, e contra a noção de representação mental que é fonte de alvo da aquisição do conhecimento linguístico.

A autora não mais assume que, num determinado momento, o conhecimento da língua permite à criança passar de interpretado a intérprete, da incorporação da fala do outro à assunção da própria fala, tornando-se, assim, um falante em pleno controle de sua atividade linguística. A presença de fragmentos da fala do outro na fala da criança, além de autocorreções e hesitações, não autoriza, segundo a autora, que se fale em conhecimento pleno da língua nem de um estágio final. Passa, então, de uma visão diacrônica para uma visão estrutural. Ao invés de construção e desenvolvimento, entende que a criança é colocada numa estrutura em que comparece o outro, como instância representativa da língua, a própria língua em seu funcionamento e a criança como sujeito falante.

Cláudia de Lemos em seu artigo: Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação diz que se tem chamado de desenvolvimento da linguagem como processo de subjetivação coloca em questão não só o processo de aquisição de linguagem como aquisição de um conhecimento sobre a língua quanto o pressuposto de que esse conhecimento adquirido implique em desenvolvimento. Falar em processo de subjetivação significa colocar a anterioridade lógica da linguagem relativamente a um corpo pulsional que é por ela capturado e significado.

A aquisição de linguagem, enquanto campo sistemático de pesquisa, nasce da adesão de um grupo de psicólogos americanos à teoria linguística proposta por Noam Chomsky,

teoria esta que lhe permite formular o que chamou de problema lógico da aquisição de linguagem. A saber, que as propriedades das línguas naturais são tais que sua aquisição não pode ser explicada por teorias de aprendizagem baseadas na percepção e na generalização indutiva.

A proposta chomskiana desencadeou um grande número de pesquisas, primeiro nas universidades americanas e, logo em seguida, em muitos outros países. No fim dos anos 60, gravador em punho, psicólogos e linguistas, agrupados sob o rótulo de psicolinguistas, passaram a fazer registros longitudinais da fala de crianças pequenas. Seu objetivo seria, à primeira vista, a busca de evidência empírica desse dispositivo inato que permitiria à criança reconhecer a gramática da língua particular a que era exposta.

Esperava-se, por exemplo, que sentenças simples precedessem sentenças complexas. Tal projeto ia, portanto, de encontro ao que abriu a possibilidade de fundação da Linguística como ciência. A saber, à língua concebida como "sistema", segundo Saussure ou à especificidade de suas propriedades estruturais para Chomsky. Sistema e/ou estrutura são incompatíveis com a concepção de língua como um objeto de conhecimento parcelável, cujas categorias e/ou regras possam ser ordenadas segundo graus de complexidade definidos relativamente a uma suposta natureza do aprendiz. Isso explica, pelo menos em parte, o fracasso desse empreendimento que o próprio Chomsky qualificou de equivocado.

Nessa altura, pode-se até mesmo qualificar esses fracassos como bem sucedidos por deslocarem a fala da criança do lugar de prova de uma teoria para o de enigma, de algo que passa a interrogar o investigador.

Como a fala da criança- pela primeira vez sistematicamente interrogada - interrogava o investigador? Em primeiro lugar, pela sua heterogeneidade e imprevisibilidade tanto em crianças aprendendo línguas diferentes, quanto em crianças aprendendo a mesma língua.

Em segundo lugar, a emergência de erros em um período subsequente a um período de aparente conformidade com a fala adulta, isto é, de não-erro. Como avaliar o conhecimento linguístico supostamente instanciado na fala da criança se, em uma mesma sessão de gravação, a mesma criança, em um mesmo enunciado, por exemplo, torna o que seria um acerto relativamente à concordância de pessoa - "eu queimei"- em um erro - "**eu** queimei o dedei "(Michel; 2 anos e 5 meses) - ao deslocar a flexão verbal para a frase nominal objeto?

Parte desses erros - como, no caso da aquisição do Português do Brasil, a produção de *fazi* por *fez*, de *sabo* por *sei* - foram interpretados como formações analógicas a formas verbais regulares do tipo *comer/como/comei*. Ou melhor, como evidência de que a criança já era capaz de analisar essas formas como radical+flexão de tempo e pessoa. Os erros passaram

assim a ser considerados, não como indícios de não-saber, mas como refletindo um novo estágio de desenvolvimento, levado a efeito por processos de reorganização de formas anteriormente adquiridas.

Tratar a fala da criança como evidência empírica de conhecimento, resulta na eliminação disso que a fala da criança revela. A saber, que nela a língua, o outro e o próprio sujeito que emerge dessas relações estão estruturalmente vinculados. Isto é, não podem ser tomados como instâncias independentes, unidirecionalmente ordenáveis. Para Cláudia de Lemos o Interacionismo nomeia propostas que incluem o outro. Ou seja, quando você fala essa fala produz efeito na pessoa (no outro). Para a autora não há espaço para comunicação pré-verbal, o que há é diálogo, isto é, a criança está imersa na linguagem. Aqui nós percebemos a influência que Lacan possui na teoria de Cláudia de Lemos.

A autora não admite o pré-verbal mesmo a criança não falando, de qualquer modo essa linguagem do outro está afetando ele. Nas abordagens interacionistas partem justamente da constatação de que a fala da criança é tanto material quanto formalmente dependente da fala do outro, pode-se dizer mais especificamente, do Outro materno. Para a autora na criança ainda não está nada claro, não há intenções, a mãe tem hipóteses, desejos. Isto é, existe uma assimetria: a mãe projeta na criança os seus desejos, intenções, vontades.

É importante salientar que devemos ter cuidado com o uso das palavras: sociointeracionismo e interacionismo, o “sociointeracionismo”, cujo acréscimo ao rótulo ‘interacionismo’ aprofunda, segundo Carvalho e Lier-De Vitto (2008, p. 118) é a “inadequação entre teorização que temos desenvolvido e o seu nome, porque o outro-social fica, neste caso, mais destacado”.

Em Cláudia de Lemos fica destacado o outro-falante, sendo esta uma de suas diferenças marcantes, em todos os interacionismos. O Sociointeracionismo serve para designar um grupo de trabalhos que podem ser reunidos numa mesma classe, aqui o apelo social suplanta o linguístico. Fala-se da díade mãe-criança. As palavras chaves são: ‘estruturação de turnos’, ‘troca/negociação de pontos de vistas’. A ideia de interação no sócio-interacionismo implica num processo de simetrização entre os participantes. A linguagem como instrumento da comunicação. Nesse cenário reina o sujeito psicológico: aquele que tem pontos de vistas, que quer informar/expressar intenções e emoções que podem ‘regular o outro’.

No sociointeracionismo os efeitos significantes entre falas não são considerados: não se procura explicitar o seu papel na organização na concatenação do diálogo e muito menos na constituição subjetiva. Ou seja, os sociointeracionistas empenham-se em dar lugar ao fato

que os surpreendeu (a criança repete a fala do outro) e voltam-se para a dinâmica da interação mãe-criança e não para o jogo entre falas.

Já no Interacionismo, interação é diálogo e é proposição problemática, de que derivam consequências teóricas: reconhecimento de opacidade dos enunciados e necessariamente da insuperável não-coincidência entre falantes. Diálogo e interpretação são termos que se implicam mutuamente. De Lemos (1982), introduz os processos dialógicos uma ‘metalinguagem alternativa’ e um meio de descrição do jogo da linguagem sobre a própria linguagem. É interessante ressaltar a oposição que há entre os processos intersubjetivos (nos Sociointeracionismos) e processos dialógicos (no Interacionismo). Mas, esta é apenas parte de uma história de não-alinhamento ao sociointeracionismo.

A proposta Interacionista de Cláudia de Lemos toma distância dos sociointeracionismos porque assume compromisso com a fala da criança, uma fonte de incessante movimento de teorização. Vale salientar que no texto: “Das vicissitudes da fala da criança e de sua interpretação” Cláudia de Lemos reconhece os impasses como a maneira de resumir uma história traçada pelos impasses, porque as mudanças na teorização decorrem do fato de a fala da criança voltar a adquirir, a cada passo, o estatuto de enigma. A autora mostra o seguinte eixo: o constante refazer do enigma na fala da criança. Isto é, o compromisso com a fala da criança poderia ser visto como sendo este: o de não abordá-la como material dócil e neutra de confirmação de hipóteses.

No Interacionismo a fala da criança interroga o saber do investigador. Colocando de outro modo, essa fala somente seria constituída como empiria, na medida em que pudesse ser escutada na condição de resistência. Com isso pode-se dizer que a marca do gesto inaugural do Interacionismo consiste na possibilidade de escutar a resistência que a fala da criança opõe aos objetivos de natureza teórica-empírico-metodológica que a investigação científica visa a alcançar. O enigma isto é, a resistência da fala da criança à sistematização ou à categorização pretendida, vinha, então, à tona através da constatação empírica da presença de fragmentos de enunciados do adulto nas produções infantis. Posteriormente foi enunciada a dependência dialógica da fala da criança à fala do adulto. Vem desta constatação o nome ‘interacionismo’.

A relação mãe-criança teve, como matriz conceitual, o processo de especularidade ao qual se agregavam os processos de complementaridade e de reciprocidade. A noção de especularidade criou impasses e provocou confronto com o que de subversivo havia na especularidade/espelhamento. O que há de subversivo na especularidade é que ele “leva à constatação de interrogar-se sobre quem fala na fala da criança implicando a impossibilidade

de descrição do conhecimento linguístico de que essa fala seria evidência” (DE LEMOS, 2002, p. 49).

No espelhamento há uma repetição, ou seja, a mãe espelha a fala da criança e a criança espelha a fala da mãe. O lugar teórico que eu vou dar depende da situação. Que lugar teórico, que papel exerce essa repetição? A mãe projeta o desejo dela na criança, assim: a criança sai da cadeira e coloca no quadrado. O desejo da mãe é projetado no desejo da criança. Deve ter um corte no desejo da mãe e da criança, ou seja, deve haver um outro representante de um grande outro para fazer o corte que é: a linguagem. O interdito é essa separação mãe e filho.

A escuta da resistência, marca do Interacionismo, trouxe à tona impasses na investigação da mudança: levantou argumentos empíricos (incorporação de fragmentos, heterogeneidade e erro) que questionaram a ideia de desenvolvimento como aquisição gradual de conhecimento sobre a linguagem. Vale salientar que a heterogeneidade e imprevisibilidade das produções infantis iniciais são importantes e que a escuta da resistência através das produções insólitas que produziam no outro um efeito de estranhamento.

De Lemos (1992) volta-se para o estruturalismo europeu. Aproxima-se de Saussure (1916) e de Jakobson (1954; 1960) e envolve a noção de língua como sistema em sua proposta. Assim, se nos processos dialógicos ficava em relevo o jogo de afetação entre as falas, é fato que faltava ali uma teoria sobre a linguagem que explicasse os efeitos desse jogo e as mudanças na aquisição. De Lemos (1992) implica a língua – ‘os mecanismos descritivos e explicativos’ – em sua proposta teórica. Processos metafóricos e metonímicos são então, mobilizados para interpretar as mudanças na fala da criança.

3 CONCLUSÃO

Vale a pena frisar que implicar a língua como sistema implica um obstáculo: que ela não seja concebida como passível de ser parcelada e ordenada (como descrições gramaticais). De fato, o impedimento é teoricamente imposto por uma reflexão estrutural que se opõe à implementação de um raciocínio teleológico, ou seja, à explicação do percurso da criança na linguagem como um desenvolvimento gradual sucessivo. De fato, a implicação da ordem própria da língua, na abordagem da fala e das mudanças que nela ocorrem, é ponto de profunda diferença entre a proposta interacionista de Cláudia de Lemos e a área de Aquisição da Linguagem.

Importa sublinhar que esta teorização assume compromisso com a noção de língua, o que significa dizer que ela não ignora a Linguística, embora não faça descrição categorial da fala de crianças. Podemos ver que um novo impasse e um desafio teórico se apresentam a partir do reconhecimento da ordem própria da língua, qual seja, de abordar a mudança de um ponto de vista estrutural, mas não gramatical.

Saussure é invocado porque oferece uma visão de linguagem compatível tanto com questões epistemológicas quanto com os argumentos empíricos do Interacionismo. Saussure foi uma saída da descrição, Cláudia de Lemos propôs abordar a langue e seu funcionamento nas falas imprevisíveis e altamente heterogêneas da criança, falas resistentes, como foi mostrado aqui.

É interessante observar que segundo Cláudia Lemos, o outro é mais do que um interlocutor empírico – aquele que reconhece e atribui significados, intenções expectativas – ele é instância do funcionamento da língua ou instância do funcionamento linguístico-discursivo. No Interacionismo, o outro-investigador desloca-se para o nível das relações entre significante. Ao atender ao desafio de suspender a escuta do significado para a fala da criança, ele se desloca para outra posição ante a fala de crianças: ele investigador não dirige a elas em busca de formas verbais, significados, conhecimentos ou intenções.

Dessa forma, ele não deve interpretar a fala de crianças identificado seja a ‘interpretação da mãe’, seja com base em seus próprios padrões linguísticos. Trata-se de um desafio porque espera-se que o investigador possa se sustentar num cruzamento entre o seu saber sobre a língua (como sujeito/investigador) e o saber da língua. Para o Interacionismo, importa o saber da língua – condição para que a fala de crianças seja escutada em sua singularidade.

Referente ao argumento empírico da incorporação de fragmentos pela criança é importante frisar que: há não-coincidência entre a fala da criança e a do outro, o que traz à tona o fato de que a criança incorpora significantes cujo significado é uma interrogação; a singularidade da fala de crianças é efeito do funcionamento da língua: falas de crianças são diferentes ‘erros’ e produções insólitas são efeitos de operações da língua que movimentam os fragmentos incorporados.

O Interacionismo dá especial realce à não-coincidência entre fala da criança-fala do outro, à combinatória singular de significantes na fala da criança e à surpresa do investigador. Enfim, a reflexão de Cláudia de Lemos sobre a linguagem e sobre o sujeito permitiu que materiais empíricos outros fossem explorados e novos temas abordados. A relação estrutural criança-língua-fala, eixo central do Interacionismo, pôde ser lida como relação sujeito-língua.

Enfim, o sujeito é composto dessa captura da língua. Tudo isso é constituído na parte imaginária do sujeito, do sujeito da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIVÉ, Michel. *Linguística e Psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. Tradução Mário Laranjeira e Alain Mouzart. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de psicanálise*. Trad. Francisco Franke Seltineri. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2002.

DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Tradução Carlos Eduardo. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo*. Trad. Álvaro Cabral. v. 1. São Paulo: Ensaio, 1993.

ELIA, Luciano. *O conceito de sujeito*. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

LEMO, Cláudia T.G. de. [s.d]. *Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação*. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/354/35401004.pdf>> Acesso em: 31 julho 2014.

_____. *Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação*. Disponível em: <file:///C:/Users/Daniele/Downloads/1599-5225-1-PB.pdf> Acesso em: 31 julho 2014.

LIER-DE VITTO, Maria Francisca; CARVALHO, Glória Maria de. O interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice Müller de. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

NASIO, Juan-David. *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. 1ª. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

OGILVIE, Bertrand. *Lacan: a formação do conceito de sujeito (1932-1949)*. Tradução Dulce Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.